

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

**SISTEMA MOODLE COMO FERRAMENTA DE SUPORTE AO ENSINO
PRESENCIAL: ESTUDO DE CASO DA DISCIPLINA OFICINA DE PRODUÇÃO DE
TEXTOS DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA**

ANNA KAROLINE RODRIGUES ALVES

Brasília
2014

ANNA KAROLINE RODRIGUES ALVES

**SISTEMA MOODLE COMO FERRAMENTA DE SUPORTE AO ENSINO
PRESENCIAL: ESTUDO DE CASO DA DISCIPLINA OFICINA DE PRODUÇÃO DE
TEXTOS DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Ormezinda Maria Aya Ribeiro

Brasília

2014

**SISTEMA MOODLE COMO FERRAMENTA DE SUPORTE AO ENSINO
PRESENCIAL: ESTUDO DE CASO DA DISCIPLINA OFICINA DE PRODUÇÃO DE
TEXTOS DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA**

Anna Karoline Rodrigues Alves*

RESUMO

Este artigo consiste em um estudo de caso da disciplina Oficina de Produção de Textos do curso de Letras Português da Universidade de Brasília. Apresenta, para tanto, uma breve análise diacrônica dos modelos de ensino que evoluíram ao longo dos tempos até utilizarem meios como as plataformas virtuais.

Palavras-chave: Moodle. Plataformas virtuais. Produção de texto. Aprendizagem.

ABSTRACT

This present paper consists in a study case of a discipline present in the curriculum of the Letters- Portuguese (and its respective Literature) major, namely Oficina e Produção de Textos (Written Expression Workshop). In the attempt to aim the aforementioned goal, the academic paper presents a brief diachronic analysis of teaching models that have evolved over time, using means such as virtual platforms.

Key-words: Moodle. Virtual platforms. Written expression. Learning.

1. INTRODUÇÃO

A definição de sala de aula transformou-se ao longo dos tempos. O que era

* Graduanda do Curso Letras Português – Universidade de Brasília – Brasília/DF – anna_rodrigues_alves@hotmail.com

tido como um modelo fixo, permeado pela figura do professor, do espaço físico, dos objetos, tais como a lousa, o giz e o apagador, e, principalmente, os alunos, já não detém a exclusividade desse conceito, antes cede lugar aos ambientes virtuais de aprendizagem que cada vez mais têm ganhado espaço tanto nas escolas quanto no âmbito acadêmico.

Antes mesmo de o conceito de sala de aula ser delineado, a aprendizagem se fazia presente. Bastava haver a relação entre mestre-aluno atrelada ao interesse em aprender. Nem sequer era necessário um espaço físico destinado a isso, como “na Grécia antiga, o exemplo dos filósofos que ensinavam seus alunos em qualquer espaço, o próprio espaço servindo, algumas vezes, de tema para a aula” (MATTE, 2009).

A sociedade evoluiu e seguiu vários modelos, incluindo o da sala de aula que, no intuito de comportar um número maior de alunos, transformou sua logística espacial, atribuindo à figura do professor um destaque maior. Matte (2009) discorre sobre o tema:

Enquanto o professor é um ator ocupando um papel actancial de destinador, os alunos são vários atores ocupando um papel actancial de destinatário. A posição frontal do professor garante um foco de atenção privilegiado: porque todos olham pra ele e porque seu espaço de atuação é maior e mais maleável que o de cada aluno. A posição sentada dos alunos contrapõe-se à sua liberdade de sentar, levantar, andar. Quanto maior o número de alunos por metro quadrado, maior essa diferença, pois menor a liberdade dos alunos. Além disso, o professor dispõe de recursos que tornam visível sua atuação sobre toda a turma, enquanto os alunos somente podem realizar registros individuais e pequenas intervenções orais.

Essa disposição da sala de aula reforça o caráter hierárquico da relação professor-aluno. O aluno assume uma posição passiva diante da própria aprendizagem, não interage com os outros alunos, tampouco com o próprio professor, devido ao arranjo das cadeiras, não se desloca e, com isso, não quebra o paradigma imposto pela sala de aula. Ou seja, o aluno desempenha um papel alheio

ao próprio desenvolvimento da aprendizagem, algo rigidamente contrário ao real interesse da escola proposto por Paulo Freire, segundo o qual “o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação” (FERRARI, 2011).

Em contrapartida, há, atualmente, outros modelos que, de certa forma, configuram o espaço da sala de aula. Um deles é o Moodle (Modular Object Oriented Distance Learning), *software* vocacionado para a educação a distância (EAD). Essa plataforma inova ao não cobrar a simultaneidade de presença na sala de aula. O professor disponibiliza o conteúdo e o aluno o acessa de maneira síncrona ou assíncrona.

O acesso a conteúdo multimídia expande substancialmente a variedade de recursos que o aprendiz pode usar para participar do processo de aprendizado. A natureza assíncrona dá suporte ao aprendizado autoplanejado através de agendas flexíveis; e, tanto o aluno quanto o instrutor decidem quando e onde buscar materiais do curso ou outros recursos. Embora algumas atividades possam ocorrer de forma síncrona, o acesso, em geral, segue o modelo de estudar “quando for conveniente para você” (LUCENA; FUKS, 2000).

Plataformas como o moodle consubstancializam a “consciencialização de que a aprendizagem ativa e a intensificação da relação professor-aluno deve manter primado sobre o tradicional ensino passivo e 'sebentístico', e de que os hábitos de aprendizagem ativa, autônoma ou não, devem ser imanentes ao indivíduo ao longo de toda a sua vida” (AZEVEDO, 2005).

A ausência de limitação temporal reforça o interesse do aluno pelo tema abordado e permite que o professor faça um acompanhamento de maior qualidade no que toca aos alunos e suas respectivas necessidades. Pode ser dada uma atenção maior àqueles que possuem dificuldades pontuais, evitando quaisquer possíveis constrangimentos provocados por uma exposição desnecessária.

Plataformas virtuais de ensino estendem as fronteiras do conhecimento e

garantem uma reflexão ininterrupta sobre um tópico e a revisão de teses individuais (LUCENA e FUKS, 2000).

A antiga disposição logística do professor frente aos alunos deve ceder lugar à interação plena, onde todos desenvolvem os mesmos papéis, exceto pelo professor que "(...) é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos, em vez de um fornecedor direto de conhecimento" (LÉVY, 2000), e além de interagir, media a pluralidade de opiniões, orientando, direcionando e motivando o aluno na formação do pensamento crítico. O aluno, por sua vez, deve desempenhar o papel que lhe cabe, tendo interesse em aprender, participando das discussões e colaborando para que a aprendizagem flua. Nesse contexto são utilizados os fóruns para interação entre os alunos e construção do conhecimento coletivo por meio do diálogo e troca de informação e experiências.

Essa autonomia dada ao aluno reflete no ganho de responsabilidade ao longo do percurso. O aluno aprende a lidar com prazos de uma outra maneira. No ambiente virtual, essa dilatação é mais complacente, pois não se limita ao período de aula de funcionamento da escola, por exemplo. A apresentação, entrega e correção de trabalhos no ambiente virtual também são facilitadas. O professor pode acompanhar o desenvolvimento das atividades e impedir, por exemplo, que um único aluno assumira o compromisso por todo o trabalho que deveria ser executado por um grupo.

Entretanto, para que um sistema como esse seja posto em prática de maneira eficiente e eficaz é necessário que haja uma massificação da internet, algo absolutamente provável, haja vista o rápido crescimento de sua popularidade nos últimos anos. A rede deve alcançar a todos de maneira generalizada e democrática, como idealizada por Toffer (1990):

(...) os nossos sistemas de educação de massas se tornaram em larga medida obsoletos (...) a educação exigirá uma proliferação de novos canais e um enorme aumento da diversidade dos programas. Um sistema rico em escolha terá de substituir o pobre, a fim de que as escolas possam preparar as pessoas para uma vida decente na nova sociedade da Terceira Vaga (...) os laços entre a educação e os

seis princípios do novo sistema mediático – interactividade, mobilidade, convertibilidade, conectividade, ubiquidade e globalização – praticamente não foram explorados. (...) no séc. XXI nenhuma economia poderá funcionar sem uma infra-estrutura electrónica também ela do séc. XXI, envolvendo computadores, comunicação de dados e os outros media. Isto exige uma população tão familiarizada com essa infra-estrutura informacional como o foi com automóveis, estradas, auto-estradas, comboios e a infra-estrutura de transporte do período fabril.

Segundo Lucena e Fuks, existem três tipos de cursos hoje na web: os cursos centrados na sala de aula, que usam a web como quadro de avisos e meio de informação complementar; os cursos onde o aprendizado é dirigido pela sala de aula e suplementado por atividades na web; e os cursos que usam os recursos da web como um sistema completo de discussão do conteúdo.

Segundo essa classificação, o sistema Moodle se enquadraria no terceiro tipo de curso, haja vista seu caráter essencialmente virtual, embora funcione como um suporte para a aula presencial. Esse curso é de natureza construtivista pois “cada aluno constrói individualmente uma representação de conhecimento própria, interna e pessoal, que é indexada por sua experiência particular” (LUCENA e FUKS, 2000). O aluno projeta-se como construtor do próprio conhecimento, aprende diversas maneiras de sintetizar, organizar e reestruturar a informação. Esse modelo de prática de ensino corresponde a uma superação do modelo de aula convencional, pois nele o estudante possui um grau maior de responsabilidade, um turno de fala igual ou maior que o do professor, e até mesmo a possibilidade de interferir na escolha do conteúdo ministrado.

Partindo desse pressuposto, o presente trabalho destina-se a abordar a importância de ambientes virtuais, em especial o Moodle, para os modelos pedagógicos, de modo que funcione como elemento complementar às aulas presenciais. O Moodle visto como uma força propulsora ao trabalho desenvolvido em sala de aula. Este artigo se divide em 2 tópicos, sendo o primeiro responsável por trazer em si uma breve contextualização do modelo de plataforma virtual Moodle, denominada Aprender UnB, implantada na Universidade de Brasília. E no segundo tópico é apresentada a disciplina Oficina de Produção de Textos que utiliza a

plataforma Aprender UnB como apoio às aulas presenciais.

2. PLATAFORMA MOODLE NA UnB

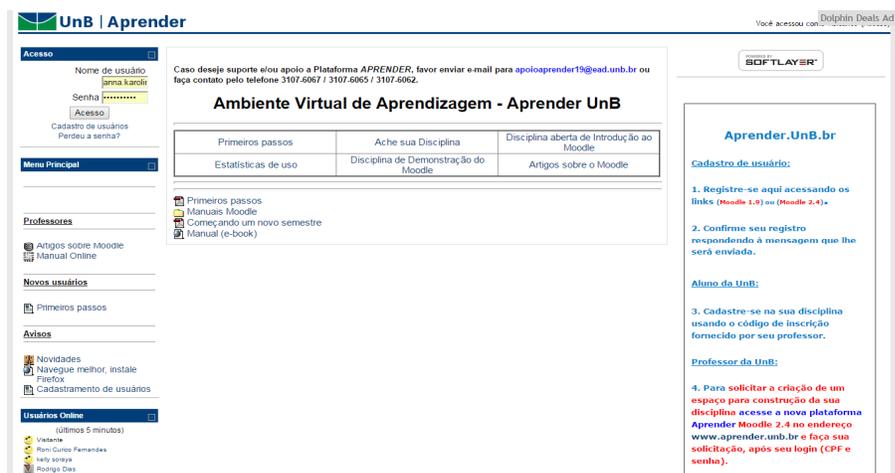


Figura 1. Página Inicial do Ambiente Virtual de Aprendizagem – Aprender UnB

Fonte: <http://aprender.unb.br/>

Com o intuito de promover a educação por intermédio de outras formas de interação entre professor-aluno e aluno-aluno, a UnB vem utilizando o ambiente virtual Moodle, denominado Aprender UnB, que foi ao ar pela primeira vez em 27 de setembro de 2004, como estratégia de aprendizado, em apoio ao ensino presencial, pois possibilita que, dentre outras coisas, o conteúdo ministrado seja disponibilizado após as aulas. A tecnologia empregada permite que o ensino ultrapasse as barreiras físicas da sala de aula. Ela facilita a disseminação e o acesso à informação num curto espaço de tempo, bem como permite ao aluno colaborar com a construção do conhecimento pessoal e coletivo.

De modo geral, o sistema Aprender UnB possui características comuns a outros ambientes virtuais de mesma tecnologia. O site é gerenciado por um administrador definido na instalação. Cada usuário possui um perfil com acessos/ permissões específicos. O professor gerencia o curso que lhe foi atribuído, podendo decidir o formato desse, o tipo de atividade, como fóruns, chats, questionários,

notícia e etc., bem como as escalas de avaliação. O ambiente permite que o professor receba um *feedback* das atividades realizadas na plataforma, e faça um rastreamento de toda a movimentação dos alunos no curso ao longo das aulas.

O princípio fundamental do Moodle é o ensino construído a partir da interação da coletividade. Logo, as ferramentas que valorizam a comunicação entre os alunos são valorizadas. Os módulos de interação entre os usuários são, portanto, indispensáveis para o sucesso de todo o sistema. Exemplos de tais módulos são chat, fórum, enquete, quizz, workshop, etc.

3. DISCIPLINA OFICINA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS

Dentre as várias disciplinas que utilizam a plataforma Aprender UnB como apoio ao ensino presencial, está o curso Oficina de Produção de Textos, ministrado pela Professora Doutora Ormezinda Maria Aya Ribeiro. A disciplina é integrante do Projeto LIP Disciplinas de Textos do EDITAL CAPES Nº 15 DE 23 DE MARÇO DE 2010 FOMENTO AO USO DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO. No entanto, a disciplina não entra para o rol de disciplinas pertencentes ao EAD. Portanto, é regida pelas normas e calendários dos cursos presenciais.

The screenshot displays the Moodle interface for the course 'OFICINA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS'. At the top, the UnB | Aprender logo is visible, along with the user's name 'Você acessou como Anna Karoline Rodrigues Alves (Sair)'. The breadcrumb trail indicates the user is in 'Meus cursos > Instituto de Letras > Lingüística, Português e Línguas > OPT 2014'. The main content area features a header image with the text 'OFICINA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS' and a quote: 'E no princípio era o verbo... (Job 1:1)'. Below the quote, the staff list includes the Professor (Dra Ormezinda Maria Aya Ribeiro) and Monitores (Ana Karoline, Larissa Santana, and Juliana Alvarenga). A sidebar on the right contains sections for 'navegação', 'configurações', 'pesquisar nos fóruns', and 'próximos eventos'.

Figura 2 – Página da moodle de Oficina de Produção de Textos
Fonte: <http://www.ead.unb.br/aprender2013/course/view.php?id=626>

Trata-se de uma disciplina essencialmente prática, e as atividades desenvolvidas ao longo do semestre são postadas pelos alunos na plataforma a cada semana. Os textos são lidos por monitores e tutores e ao final os alunos organizam seus textos produzidos ao longo do semestre em forma de livro, com a liberdade de escolherem o formato. Esse livro é entregue impresso em data estipulada.

O diferencial da disciplina Oficina de Produção de Textos encontra-se na liberdade que permeia o processo de elaboração dos textos. A professora e os monitores interferem minimamente na produção dos alunos, limitando-se a fornecer os comandos iniciais necessários e a atender pontualmente possíveis dúvidas. Não há a pretensão de ditar normas e regras, pelo contrário, os monitores juntamente à professora atuam como interlocutores, expressando opiniões acerca do texto lido, além de apontar questões de ordem linguística para que haja um aprimoramento do texto. Conforme descreve, na plataforma, a professora responsável pela disciplina:

O objetivo maior desta disciplina é despertar o escritor e sensibilizá-lo para o seu potencial de escrita. Não há a pretensão de ensinar a escrever, ou de ditar regras e normas de escrita. A intenção é que o aluno se reporte ao que já sabe sobre as teorias e processos de escrita e seja estimulado a escrever nos mais variados gêneros. (Extraído de <http://www.ead.unb.br/aprender2013/mod/page/view.php?id=13616>>.)

No início do semestre, a disciplina é inaugurada com uma aula presencial quando são apresentados os objetivos do curso, a metodologia e os prazos para entrega de trabalhos. Esse modelo é muito comum no ensino presencial, e serve de ponto de ancoragem para os alunos que ainda estão ligados aos padrões tradicionais de educação. A partir daí, os comandos são fornecidos por meio da plataforma virtual, e o aluno, ciente disso, organiza-se de modo a atender ao propósito da disciplina e obter sua aprovação. Os cinco encontros presenciais que seguem no decorrer do curso funcionam como uma outra maneira de o professor

obter o *feedback* tão necessário e servem para atender as exigências da portaria nº4.059, de 10 de dezembro de 2004. A presença, nessas aulas, é obrigatória e o aluno que não cumprir com esse requisito não alcança o percentual mínimo de 75% (setenta e cinco por cento) de frequência. Há ainda a oportunidade de encontros presenciais individuais, com agendamento prévio, de acordo com a necessidade e o interesse do aluno, em plantões definidos pela professora e registrado no plano de ensino.

O processo de escrita é, na disciplina em questão, vivenciado de forma plena pelos matriculados. As atividades são apresentadas aos alunos de maneira pedagógica e exploram ao máximo a sua criatividade por meio de temas motivacionais diversificados. Outro aspecto positivo é quanto à realização das atividades, o aluno é livre para escolher qual gênero, estrutura ou narrativa para produzir seu texto.

Em relação aos temas propostos, esses abordam desde questões mais gerais a assuntos que exigem que o aluno explore um pouco da própria vivência.

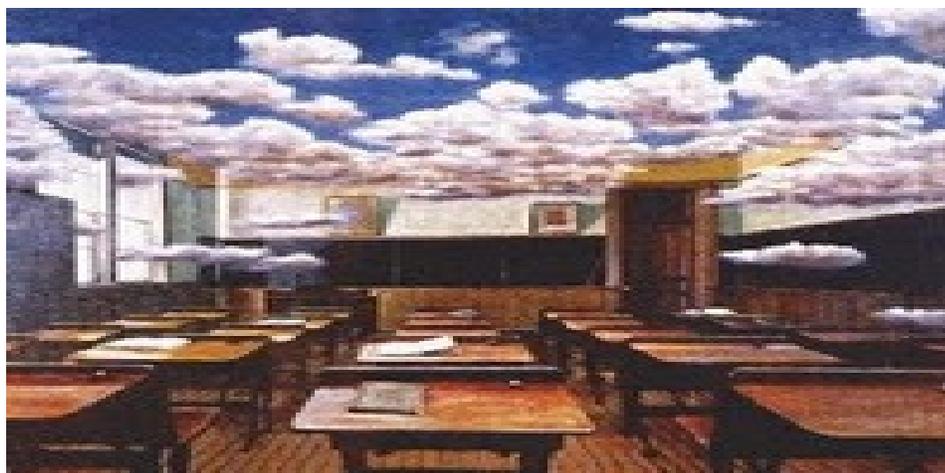


Figura 3 – A escola do pensamento – George Deem

O Moodle da disciplina é inaugurado com um fórum sobre a tela de George Deem. A proposta consiste em despertar nos alunos um olhar inicial acerca do que constitui a disciplina a partir da análise ao quadro apresentado. A professora dá o ponta pé ao discorrer sobre suas próprias impressões sobre a tela:

Querido alun@,

Eu me sirvo desse quadro de George Deem para uma analogia com a sala de aula que usamos para formar escritores. Ela não pode ter limites. Deve ser um espaço em que prevaleça a liberdade de estilo, que permita a criatividade e o sonho. Para nos tornarmos escritores autônomos e não apenas meros preenchedores de folha em branco, devemos provocar o maravilhamento à moda dos gregos. Nessa sala de aula sem paredes, que se serve do ambiente Moodle, você é convidado a sonhar, a pensar e a criar. Os limites de sua criatividade são determinados por você. Eu não tenho a pretensão de ensinar você a ser um escritor. Nessa perspectiva serei apenas uma interlocutora atenta. Aquela que lê seu texto com atenção, dialogando e interagindo com você, para que sua produção seja a mais autêntica e prazerosa possível. Conte comigo, como boa mineira, estou aqui para fazer um "toró de parpíte", mas não se esqueça de que o texto é seu. Eu sou apenas uma leitora interessada no que você tem a dizer. Mãos a obra....

Aya

As reflexões apontadas pelos alunos revelam que há muito se almeja por esse tipo de ambiente de aprendizagem. As postagens no fórum traduzem um desejo de uma sala de aula sem paredes que os permita maior liberdade de expressão, expansão do conhecimento, e compartilhamento de ideias e impressões.

Analisando as respostas dos alunos, podemos inferir que se trata de uma disciplina essencial e única no curso de Letras da Universidade de Brasília, pois é o único momento, ao longo do percurso acadêmico, que o aluno é desafiado a desafiar-se, a ir de encontro a suas ideias e expô-las sem quaisquer barreiras. Destacamos algumas postagens dos alunos no fórum:

“O ensino é um processo interativo, e é justamente o que eu observo na disciplina, em que nós podemos nos manifestar assim como o quadro do pintor George Deem em que há uma interação entre o céu (a liberdade, o além) e a escola (ensino, aprendizagem). O nome do quadro "A escola do pensamento" já nos remete a dois elementos (escola e pensamento) que juntos podem gerar resultados bastante positivos, há uma interação do saber com o pensar e o que se pode ter é uma fonte de conhecimento, de aprendizagem, de ensino.” (ALUNO 1)

“A tela de George Deem mostra uma sala de aula sem teto, remetendo aos conceitos de liberdade e de limitações. O teto da sala de aula representaria um limite físico, no campo literal, e um limite de pensamento no campo figurativo. A disciplina OPT pode ser comparada com essa tela uma vez que rompe com um limite, uma imposição. A matéria dá liberdade aos alunos para escreverem de forma criativa, com paixão, ao invés de criar modelos a serem seguidos, como encontramos diversas vezes em outras disciplinas de produção textual.” (ALUNO 2)

“O pensamento reside na linguagem no tanto em que a supera em nunca transcendê-la por completo. A sala de aula, lugar de diálogo, pode nos mostrar, pelo diálogo, o tanto que podemos ascender às nuvens e aos céus, meras figuras da palavra em potência, em apenas residindo a linguagem. O espaço, portanto, que a nós é oferecido, é sem dúvida o de uma habitação em linguagem e suas várias possibilidades estéticas, artísticas, plásticas e até mesmo metodológicas, sistêmicas e taxativas, que não deixam de pertencer ao reino linguageiro, mas que pelo diálogo e o conhecimento, podem nos ser dados a ver como contorná-las, fora da sala e através do teto que nos barrava o pensamento.” (ALUNO 3)

“Vejo a sala de aula que George Deem retratou como uma forma de demonstrar que todo esse processo de aprendizado vai além do teórico e dos limites de ensinamentos. Querendo ou não, ainda existem as carteiras, o quadro e todo aquele conceito de professor-aluno que limita o aprendizado. O fato de ser o teto a única parte que vai além (um tanto quanto fantástico) é como uma ligação à imaginação – para lembrar algo ou imaginar olhamos para cima, um sinal de reflexo já que a memória está na parte superior do cérebro – algo que diminui o limite e proporciona bons momentos àquele ambiente.

A proposta da disciplina é justamente isso: motivar, ensinar, mas ultrapassar limites.” (ALUNO 4)

“Trocar o teto de uma sala de aula pela imagem de um céu azul é a concretização artística do que todo educador almeja na teoria. O céu, como simulacro do infinito, da ausência de limites, representa muito bem o campo do conhecimento (onde, cada vez mais, tudo o que se sabe é que se sabe muito pouco)” (ALUNO 5).

Após a reflexão dos alunos proposta pelo fórum, a disciplina inicia as atividades que compreendem em:

1. Infância:

Essa atividade requer que o autor discorra sobre sua infância de maneira geral ou destacando um momento marcante. O objetivo principal da atividade é fazer o aluno reviver suas lembranças, organizá-las e colocá-las em um texto que não se prende a um gênero específico. Esse tema relativamente simples funciona como uma força propulsora que ajuda a romper com as barreiras da timidez e da insegurança no momento da escrita.

2. Palavras

A segunda atividade proposta possui um cunho metalinguístico, pois desafia autor a escrever sobre o próprio ato de escrever. As orientações e os textos motivacionais conduzem o aluno a listar uma série de palavras que evoquem nele sensações boas ou ruins. A partir dessa lista, o autor desenvolve reflexões acerca das palavras selecionadas e podem escrever sobre o tema de forma livre, escolhendo o gênero que lhe aprouver: poema, crônica, ensaio, dentre outros.

3. Anagrama

Há uma retomada da perspectiva intimista nessa terceira atividade. O autor deve, a partir de seu nome, criar anagramas. Com esses anagramas, o aluno desenvolve seu texto que, mais uma vez, não exige um gênero específico.

4. Polissemia

O comando da atividade propõe que o aluno escreva um texto que contenha os vários significados das palavras planta, palma, banco, colar, manga, pesar, folha, quadro, mata e laranja. Essa atividade aparentemente simples exige do aluno uma reflexão sobre a língua e seus vocábulos. A liberdade de escolha do gênero é mantida, mas é condição explícita que o aluno escreva o seu texto explorando os diversos sentidos das palavras listadas. O que se pretende com essa atividade é desenvolver no escritor a habilidade de direcionar seu texto conduzindo-o ou se deixando conduzir pelos sentidos que as palavras impõem.

5. Biografia

Aqui o aluno deverá eleger um ídolo, seja uma celebridade seja um familiar. Feita a escolha, o autor deve discorrer sobre ela, contando quais motivos o conduziram a esse fim. Mais uma vez temos uma atividade de caráter introspectivo, pois, ao passo que fala sobre o outro, o autor nos conta um pouco sobre sua própria personalidade. O gênero livre permite as mais variadas criações.

6. Enredo com Nomes

A atividade de número 6 se distingue das anteriores por determinar possíveis gêneros em que deve ser desenvolvida. Os comandos e os textos motivadores conduzem o aluno a escrever um conto, uma crônica ou um conto de fadas, explorando a história por trás do nome de seus personagens. Cada nome possui um significado que guiará a narrativa. Na plataforma é disponibilizado um livro com significados de nomes com todas as letras do alfabeto. A dinâmica da atividade prevê que o aluno tenha a opção de escolher entre tantos três ou mais nomes que serão os personagens de seu enredo. Esse enredo deverá ser tecido a partir dos significados dos nomes escolhidos.

7. Autorretrato

Neste ponto, o aluno é desafiado a escrever sobre si. Essa atividade demanda um esforço maior, haja vista a grande dificuldade que temos em, a partir de uma ótica crítica, falar sobre nós mesmos. Trata-se, porém, de algo para o qual o aluno fora preparado pelas atividades anteriores. Logo, o aluno encontra uma certa familiaridade com o tema e consegue desenvolvê-lo com qualidade.

8. Intertextualidade

Essa atividade solicita algo diferente das anteriores. O aluno deve escolher uma fábula, dentre as que são sugeridas, ou pode optar por outra, dentro de seu repertório, reescrevendo-a sob um viés contemporâneo. Faz se necessário refletir sobre a sociedade e partir dela para construir o texto.

9. Monólogo

Nessa atividade, o aluno deve, novamente, se inspirar em uma pessoa que lhe desperte boas emoções e escrever um monólogo sobre ela ou pode optar por descrever emoções e sentimentos a partir de um objeto ou situação específica. O autor deve buscar expor suas emoções e pensamentos a um interlocutor específico.

10. Classificados

Essa é uma atividade bastante divertida. Com ela é iniciada uma nova temática de continuação de textos de autorias diversas. O autor deve, a partir de um excerto de um texto, continuar a história de um jovem de 17 anos que se interessa por um anúncio publicado nos classificados, no qual uma mulher procura por companhia. Nessa atividade pode-se delinear o conflito que definirá o estilo cômico ou trágico do texto.

11. Horóscopo

Os comandos da atividade trazem a história de Ana, uma jovem que lê diariamente seu horóscopo. O autor é desafiado a continuar a história de Ana, personagem com características preestabelecidas quando escolhe dentre as previsões referentes aos doze signos. De acordo com o signo escolhido e a previsão referente a ele o enredo se desenrolará, com criatividade e definição de estilo.

12. Valsinha

A última atividade fecha o ciclo, e por isso requer uma maior complexidade. A atividade Valsinha consiste na continuação da música de mesmo nome, escrita por Chico Buarque e Vinícius de Moraes. O trecho selecionado é: “Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar. Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar.” O autor deve escrever um texto que contenha um conflito, um clímax e um desfecho. Assim como as demais atividades, o aluno poderá escolher o gênero e produzir, se preferir, até mesmo um poema narrativo. O

importante é que crie um clímax e um final inusitado para a narrativa.

As propostas da disciplina giram em torno do processo da escrita. O objetivo principal é despertar nos alunos o interesse pelo universo da arte de escrever, sem que haja um apego avaliações ou julgamentos. A única crítica feita aos jovens escritores matriculados na disciplina é feita por intermédio do olhar de leitor lançado pela professora e pelos monitores.

A menção da disciplina é conferida após a entrega semanal das atividades acima listadas, juntamente ao livro final fruto de edição e editoração do próprio aluno. Esse trabalho de composição do livro permite que o aluno vivencie o ofício de uma editora e complementa toda a experiência proporcionada ao aluno, ao longo do curso. Não há um modelo a ser seguido, mas espera-se que o aluno, com autonomia e criatividade, organize os textos produzidos ao longo do curso, transformando-os em todo com coerência. Essa coerência pode ser mostrada na escolha do título, dos subtítulos ou da organização em partes, bem como na elaboração da capa, e demais partes que compõem um livro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo de ensino evoluiu – e continua a evoluir – ao longo dos anos. As referências de educação atreladas à sala de aula tradicional têm sofrido mudanças a ponto de alcançar novos paradigmas, como os apresentados nos ambientes virtuais de aprendizagem. Vimos, com esse estudo, que é possível unir ao modelo clássico de ensino propostas inovadoras, caso da disciplina Oficina de Produção de Textos.

Nessa disciplina, são apresentadas novas propostas que giram em torno de formar o aluno escritor, o que, por si só, a torna inédita dentre o quadro de matérias ofertadas pela Universidade de Brasília.

De fato, o ambiente Aprender UnB permite que a disciplina OPT inove e dinamize as práticas pedagógicas tradicionais do ensino presencial. O professor assume um outro papel, o que viabiliza uma maior participação do aluno na construção do conhecimento coletivo e pessoal. E a aceitação dos alunos é apenas um dos sinais que indicam o sucesso dessa nova prática de ensino.

Entretanto, para o total sucesso da matéria em questão é necessário preencher algumas lacunas, como melhorias no relacionamento entre professor, tutor e alunos, otimizando esse de maneira que os *feedbacks* ocorram com mais rapidez e eficiência. Aumentando o número de tutores, essa dificuldade poderia ser minimizada.

O teor das atividades poderia ser alterado também. Essas atividades, embora variadas, possuem o mesmo tom que busca uma viagem rumo à introspecção. Para isso, poderiam ser envolvidas outras formas midiáticas na produção de textos, o que entraria para o rol de gêneros trabalhados na disciplina.

Melhorando esses aspectos, a disciplina OPT possuirá todos os requisitos para servir de modelo para outras matérias não somente do curso de Letras, mas também de toda a Universidade de Brasília.

5. REFERÊNCIAS

Ambiente de aprendizagem Moodle UnB – Disciplina **Oficina de Produção de Textos**. (Disponível em <http://www.ead.unb.br/aprender2013/course/view.php?id=626>). Acessado em 16 de novembro de 2014)

AZEVEDO, B. **Contributo de Belmiro de Azevedo**. Projecto Bolonha Uma. (Disponível em <http://bolonha.uma.pt/?p=103>). Acessado em 23 de outubro de 2014), 2005.

BARROS, M.G. e CARVALHO, A.B.G. **As concepções de interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem** (Disponível em <http://books.scielo.org/id/6pdyn/pdf/sousa-9788578791247-09.pdf>). Acessado em 11 de outubro de 2014), 2011.

FERNANDES, J; ARAÚJO, J.F.S. de; FERNANDES, M.C.P; SILVA, J.C.T.da. **Usando as Tecnologias da Informação e Comunicação no ensino presencial**. In: Congresso Iberoamericano de Informática Educativa, 6., (Disponível em <http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200373118312paper-273.pdf>). Acessado em 25 de outubro de 2004), 2002.

FERRARI, M. **Paulo Freire**. *in* Educar para Crescer. Revista Crescer (Disponível em <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/paulo-freire-300776.shtml>).

Acessado em 11 de outubro de 2014), 2011.

LUCENA, C.; FUCKS, H. **A Educação na Era da Internet**. Rio de Janeiro: Editora Clube do Futuro, 2000.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 2ª ed. 2000.

MATTE, A. C. F. **Análise semiótica da sala de aula no tempo da EAD**. Revista Tecnologias na Educação, v. 1, (Disponível em:

<http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/revista/a1n1/pal3.pdf>). Acessado em: 11 de outubro de 2014), 2009.

TOFFLER, A. **Os novos poderes (powershift)**. Coleção Vida e Cultura nº 121, Livros do Brasil – Lisboa, 1990.